

Fibra divulga o balanço econômico do trimestre

Maísa Moura

A economia do Distrito Federal atravessa uma fase de dificuldades, a mais dura desde 1983. Essa é a conclusão a que chegou a Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) ao divulgar o resultado do balanço econômico do terceiro trimestre deste ano. Dos 11 setores da indústria, apenas as áreas de minerais não-metálicos, bebidas e transporte apresentaram um aumento de produção e de vendas no período, em relação ao trimestre anterior. Nos demais setores, principalmente o mobiliário, gráfico, reparação de veículos e construção civil foi registrada uma ociosidade de até 70 por cento.

Em relação à mão-de-obra e às margens de lucro os empresários foram unânimes ao afirmar que a tendência é de queda. No setor mobiliário a queda em 87,5 por cento do lucro das empresas pode levá-las a fechar suas portas até o final do ano, caso a situação não se reverta. A situação é ainda mais grave quando se constata, através das informações dos empresários, que o setor reduziu nos meses de julho a setembro cerca de 50 por cento do total de sua mão-de-obra. Diante desse quadro as perspectivas do empresariado não são muito otimistas. Cinquenta por cento acreditam que a situação não vai se modificar; 37,5 por cento acham que a tendência vai ser o agravamento e apenas 12,5 por cento ainda creem que a situação vá melhorar.

A perda do poder aquisitivo da população, os preços elevados da matéria-prima, que em grande parte é importada de outros estados e, principalmente, a pesada carga de tributos são apontados pelos empresários da indústria do DF como os principais responsáveis pela crise. Segundo o presidente da Fibra, Antonio Fábio Ribeiro, a situação hoje é mais grave do que há oito anos, porque o mercado industrial se expandiu e, hoje, o número de empregados é muito maior, sendo responsável pela geração de quase cem mil empregos diretos.

Gráficos — Esses problemas são enfrentados por todos os setores, mas o setor gráfico foi um dos que mais sofreu com a retração do mercado. Produzindo menos de um terço de sua capacidade, as gráficas do DF apresentaram uma queda de 26 por cento na produção. Segundo o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas, Antonio Carlos Navarro, a situação do setor tornou-se mais crítica com o início da competitividade do Governo Federal. "O Departamento de Imprensa Nacional (DIN) agora já faz até publicidade dos seus serviços através das páginas do **Diário Oficial**", reclamam.

Navarro acredita que, além de restringir ainda mais o mercado, "a concorrência" do Governo é desleal. Segundo dados levantados em 1986 pelo sindicato, o custo de manutenção de uma gráfica como o DIN é dez vezes superior ao gasto pela iniciativa privada.

22 NOV 1991
CORREIO BRAZILIENSE